

RESISTÊNCIA CENTRADA NO SOLO

AMANTES DO EXTREMO

Soil centered resistance

Lovers of the extreme

Susana Soares Pinto¹

Carne Nogueira²

Resumo: Em resposta à violência gerada pelo extrativismo sobre o planeta, cabe também à arte contemporânea uma missão: a de proteger e reparar os solos. Os povos mais prejudicados com a extracção de minérios necessários para o desenvolvimento da tecnologia “prometeica” necessitam de expandir a voz do solo que lhes dá a vida. O oxigénio e a água necessários para a nossa sobrevivência são desviados provocando a escassez e a contaminação. Simultaneamente, a ruralidade urbaniza-se, mineraliza-se e industrializa-se, e a matéria continua a ser, desde de Descartes, desprezada e rebaixada ao estatuto de objeto. Assim continua a ser desenvolvida a economia mundial.

Palavras chave: Solo. Protecção. Extrativismo. Resistência. Salar do Atacama.

Abstract: In response to the violence generated by extraction on the planet, contemporary art also has a mission: to protect and repair the soil. The people most affected by the extraction of minerals necessary for the development of “Prometheus” technology need to expand the voice of their soils. The oxygen and water necessary for our survival are diverted causing scarcity and contamination. Simultaneously, rurality is urbanized, mineralized and industrialized, and the matter continues to be, since Descartes, despised and demoted to the status of object. Thus the world economy continues to develop.

Keywords: Soil. Protection. Extractivism. Resistance. Salar do Atacama.

¹ Artista. Mestre em Práticas Artísticas e Contemporâneas. Doutoranda em Artes Plásticas na Universidade do Porto. E-mail: otnipanasus@gmail.com

² Artista e investigadora doutorada, orientadora do projecto de doutoramento. Universidade do Porto.

A aceleração do crescimento populacional, industrial, migratório, alimentar, tecnológico e extrativista nos últimos 60 anos é incomensurável pela percepção humana. Os mapas construídos para visualização de dados confirmam uma profundidade ao conhecimento contemporâneo que é de difícil consciencialização. Os dados recolhidos pelos meios tecnológicos sofisticados que parte privilegiada da sociedade mundial dispõe, provam “cientificamente” que a destruição massiva sobre o planeta é resultante da ação humana. Se somos nós a origem do problema, o que podemos fazer para a existência de um futuro? Que possibilidades tem a arte contemporânea perante este cenário? Devem os artistas, para além de tantos outros agentes, ter uma responsabilidade intermediária entre os dados, as evidências sociais e a percepção humana? O vídeo experimental que aqui apresento reflete sobre essas ações humanas destrutivas do habitat natural - Salar (salmoura) do deserto do Atacama - como uma chamada de atenção à forma como as atividades locais interagem com as formações globais que resultam de uma ideologia tecnológica prometeica.

Começo por centrar o pensamento no extrativismo massificado dos recursos naturais e tento criar uma imagem sobre este tema, reduzindo esta ação à escala do humano singular: abro a boca, ajoelho-me no chão e dou uma trinca na terra. Mantendo essa terra na boca fechada, respiro profundamente apenas pelo nariz. Quando já não aguento mais, abro a boca e projeto sons que me ajudam a expulsar a terra que já se encontra mais húmida mas ainda com partes secas. Estas, ao serem expelidas, projetam-se para uma folha de papel com cola. Faço um desenho. A terra que meti na boca contém quase todos os minérios, mesmo que em proporções desiguais, existentes no planeta, e pelas quais se tem vindo a colonizar a natureza. T.J. Demos (2108:9:12) diz-nos que a migração é sintomática da rutura social face ao autoritarismo político, desigualdade económica e violência ambiental militar. Dito de outra maneira, a ordem extrativista adiciona efeitos devastadores nas suas terras de origem.

Ao investigar, durante os últimos anos, entre as margens da arte e do extrativismo, fui direcionada para o Sul, com a missão poética de devolver uma pedra ao deserto do Atacama. Nesse lugar, povos indígenas que ainda vivem de acordo com leis ancestrais e simultaneamente tentam preservar a sua língua de origem, o Kunza, coabitam com duas empresas mineiras extratoras de lítio do Salar de Atacama: Albemarle, uma empresa sediada na Carolina do Norte, e a Sociedade Química y Minera (SQM). Mas neste lugar existem outros

tesouros para além do lítio e que são cobiçados pelas mesmas empresas exploradoras e também pelo turismo: são os micro-organismos que habitam os ambientes extremos, conhecidos como extremófilos e que poderiam ter aplicações em antibióticos, medicamentos contra o cancro e limpeza de zonas contaminadas. Destes extremófilos, trazemos para esta reflexão, as cianobactérias. Estas são capazes de realizar a fotossíntese oxigénica. A sua importância é tão antiga quanto o início da vida na terra conforme a conhecemos: com oxigénio na atmosfera. Há cerca de 3500 milhões de anos, período Pré-cambriano, desenvolveram-se os extremófilos que tiveram a grande importância de preparar o planeta para a vida com oxigénio. Captaram o dióxido de carbono e libertaram oxigénio durante milhões de anos. Oxigenaram os mares, a atmosfera, criaram a camada de ozono e prepararam o planeta para que haja vida dependente de O².

Estes extremófilos vivem, hoje, na lagoa de Tebenquiche, no Atacama, perto dos respiradores da terra – os vulcões – que geram as condições particulares onde se recria o ambiente químico dos mares primitivos: arsénico, enxofrado, frio, seco, salino, com baixa pressão de O² e alta radiação UV³. A bióloga argentina Maria Eugénia Farias⁴ é investigadora destes extremófilos no Altiplano e está a trabalhar, com as comunidades científicas americanas e locais, para transformar as lagoas em “santuários” como medida de proteção contra a mineração. Ao mesmo tempo quer provar que estas bactérias são capazes de produzir por m² mais O² que a mesma área da floresta amazónica.

A mineração de lítio está a desenvolver-se aceleradamente nas redondezas, com um consumo excessivo de água, provocando alterações no solo: a seca de algumas lagoas e dos aquíferos alteram por completo a forma de subsistência de grande parte das comunidades indígenas locais.

³ A sopa primitiva onde a vida começou a dar os primeiros passos.

⁴ É uma das autoras do estudo *Extremófilos y origen da la vida en Atacama* realizado pelo Centro de Ecología Aplicada (CEA) a pedido de Seremi de Medioambiente, e descreve a importância destas bactérias encontradas nas lagoas andinas, como Tebenquiche.

Ao contrário da visão antropocentrista, nas comunidades andinas pré-colombianas, os seres humanos não são o centro do universo nem donos e dominadores da natureza, mas simples prestatários dos recursos. Estes pertencem às divindades e são-nos facilitados em troca de oferendas e trabalhos simbólicos. No fim de cada prestação, entram em nova transação e o ritual repete-se. Cuidar desta relação é cuidar de si mesmo e da comunidade.

Em 2012, no Chile, com a mudança governamental, foram feitas negociações para que o país entrasse no circuito comercial com a União Europeia. Para isso, os chilenos tiveram que reconhecer suas comunidades nativas, devolvendo-lhes parte dos seus territórios. A lagoa de Tebenquiche, habitat de extremófilos, foi devolvida à comunidade de Coyo, lugar onde estive numa residência artística em março de 2020. Essa comunidade e as outras em seu redor praticam a agricultura, a pecuária e o turismo. A mineração, atividade de grande importância económica no Chile, é das mais odiadas pela população. Perante tal ameaça, a população vê-se na obrigação de lutar para proteger não só o território, mas também o ecossistema e as suas próprias vidas. A comunidade tem duas entidades responsáveis pela sua gestão: a ancestral e a governamental. A ancestral tem um Kuraka, o líder, e um conselho dos anciões que são quem tomam as decisões; a governamental tem um presidente, um secretário e um tesoureiro. Existe o trabalho comunitário, a *minga*, que, quando todos trabalham para uma família, essa família irá trabalhar os mesmos dias para cada um dos que trabalhou para si - a *torna*. O trabalho nativo comunitário é chamado de indigenismo com *ayni*. Carlos Vega, indígena de Coyo guardião de Tebenquiche, faz tratamentos terapêuticos no “útero da terra” e explica-nos:

Este *ojo* de água (que se encontra no nosso território) tem grandes concentrações de sal, potássio, cálcio e lítio. Quando entramos nele é-nos dado um banho de sais minerais os quais nos ajudam a compensar o nosso metabolismo. O corpo perde sal. É como tomar banho numa bebida isotónica natural. É um lugar para fazer cura. A densidade da água é muito dura e não permite que as pessoas se afundam. Têm que se deixar ir de uma forma natural. É uma sensação parecida com a de estar dentro do útero materno. Quando entrarem devem fazê-lo com respeito porque acreditamos que a água tem consciência. Esta água está conectada diretamente com a água do núcleo do *salar*, as quais são águas fósseis. Para nós, este é o útero da mãe Terra e esta é a sua fonte. Para entrar neste lugar cada um tem que se apresentar: dizer quem é e que tipo de cura procura. Mas devem fazê-lo de coração, corpo e mente. (palavras gravadas/transcritas com o consentimento de Vega)

Carlos explica-nos porque é que este lugar é apetecido pela mineração de lítio motivo pelo qual a comunidade decidiu fortificar-se para proteger o lugar. Convidaram a bióloga, Faria, para que estudasse a importância das bactérias daquele lugar. Concluíram que neste ecossistema existem diferentes tipos de bactérias - é um *salar* cheio de vida. O estudo de Tebenquiche rapidamente ganhou associados - a universidade de Antofagasta (Chile) e a universidade da Califórnia (EUA) - para poderem aprofundar a investigação com o objetivo de criar argumentação de proteção do ecossistema. Também foram apresentados os níveis de concentração de lítio, que comparando com outros lugares no mundo, são bastante superiores: 1gr de salmoura tem 40% de lítio. Enquanto que em Portugal, na zona do Barroso, entre outras, onde se estão a fazer prospeções para a mineração também do lítio a partir de minérios pegmatíticos, a concentração vai de 0,2 a 0,8% (LNEG, 2017) e os custos para a sua transformação são na proporção de 5 (pegmatíticos): 2 (salmoura), logo menos competitivos. Carlos diz-nos que ali estão muitos milhões de dólares, mas a eles não lhes interessam os milhões de dólares, interessa-lhes continuar a preservar o espaço ancestral. Da mesma maneira que às comunidades do Barroso, interessa-lhes preservar a terra onde fazem agricultura, pecuária e apicultura e onde se encontram as suas origens e identidade. A Organização das Nações Unidas para a alimentação e agricultura distinguiu a genuinidade desta zona do Barroso, um território com base na forma tradicional de trabalhar as terras, de tratar do gado e na entre-ajuda dos seus habitantes, e foi nomeada como património agrícola mundial em 2018. As lutas das comunidades tanto no Atacama como no Barroso têm um objetivo comum: afastar a mineração devastadora do solo, da água e do ar.

Esta luta será uma utopia? É uma utopia acreditar veemente que a nossa vida depende da terra e que devemos repará-la?

A procura desenfreada pelo lítio está relacionada não só, mas em grande parte, com o *boom* na produção dos veículos elétricos. Um negócio, e não apenas uma estratégia de mitigação na problemática da mudança climática. E não é só no lítio que se centra a mineração, mas no cobre, no cobalto, e em todos os minérios que são extraídos para beneficiar as grandes urbes e as grandes potências económicas planetárias. O tema do extrativismo não tem uma escala global, mas antes planetária, pretende fazer parte da formação da consciência coletiva. Desde escavações no solo, a perfurações no fundo do oceano até à hipotética possibilidade de extração em asteroides, este

extrativismo acompanha a especificidade da “quarta revolução industrial”, a revolução “que decorre da fusão e interação sistemáticas de tais tecnologias – dispositivos eletrônicos móveis, fabricação digital, inteligência artificial, excesso de dados, nanotecnologia, internet, ciência material, computação quântica – nos domínios físico, digital e biológico.” (Arboleda, 2020:48). A produção mineira reflete a integração das capacidades humanas (trabalhadores) e extra-humanas (robôs, sistemas de informação geográfica, microrganismos, controlo de sistemas). Devido a esta evolução tecnológica, antigos depósitos de minério que foram dados como não lucrativos são, agora, transformados em grandes minas criando desequilíbrios nas fontes de água, meios de subsistência e comunidades. Como podem imaginar, o extrativismo envolve muito mais do que o espaço da mina:

Também incluem infraestruturas logísticas, corredores transoceânicos, redes de intermediação financeira e geografias de trabalho. A reorganização da indústria de mineração em cadeias de suprimento globais engendra novas modalidades de poder estatal e imperialismo capitalista e produz uma nova territorialidade de extração cujo conteúdo imanente não pode ser totalmente elucidado pelos conceitos clássicos da economia política, como a maldição dos recursos, dependência, imperialismo e assim por diante.⁵ (Arboleda, 2020:5)

Os processos que moldam as geografias contemporâneas de extração garantem um repensar completo da própria natureza do imperialismo capitalista, da autoridade política e da arquitetura espacial do mundo.⁶ (Arboleda, 2020:15)

O que está a acontecer no deserto do Atacama, não é um problema que afeta apenas as comunidades locais, mas antes um problema que afeta o planeta. Para além do apoio científico que possa ser dado às comunidades na luta contra a exploração mineira, acredito que é na inibição⁷, na (d)evolução, na reparação (Klein, 2020), no decrescimento e na preservação, que se encontra a oportunidade para os humanos contribuírem para a redução tanto nas emissões de CO² como no aumento das emissões de O². O solo contém e

⁵ Tradução livre do texto: “also include logistical infrastructures, transoceanic corridors, networks of financial intermediation, and geographies of labor. The reorganization of the mining industry into global supply chains engenders novel modalities of state power and capitalist imperialism and yields a new territoriality of extraction whose immanent content cannot be fully elucidated by the *loci classici* of state-centric concepts of political economy, such as resource curse, dependency, imperialism, and so forth”.

⁶ Tradução livre do texto: “The processes that shape contemporary geographies of extraction warrant a thorough rethinking of the very nature of capitalist imperialism, political authority, and the spatial architecture of the world”.

⁷ Termo inventado em oposição à extração.

necessita metabolicamente do CO² e em contrapartida dá-nos o O² para que possamos respirar e viver – uma necessidade vital. Pode ser uma utopia, a (d)evolução ou a inação relativamente ao solo, mas tão necessária para os amantes do extremo, da vida.

Também o ativismo tem tido um papel importante na defesa do ambiente e das comunidades, mas segundo a *Global Witness*, no ano de 2017, foram assassinados 207 indígenas ativistas. Dos 207 defensores assassinados, a grande maioria veio da América Latina, com 60% dos mortos – 57 assassinatos no Brasil; as Filipinas tiveram 48 mortos, o maior número de todos os tempos num país asiático; em África, 19 defensores foram mortos, 12 dos quais na República Democrática do Congo. Grupos de mulheres, na América Latina, manifestam-se contra o extrativismo, oferecendo como resistência o próprio corpo.

Estamos a lutar frente à violência ambiental contra as mulheres porque a mineração está a tirar-nos nossas terras; está a expulsar-nos dos nossos territórios; a água está contaminada; o direito à vida, à saúde, ao trabalho está a ser violado ... nós, mulheres, estamos dispostas a defender a vida e colocar nossos corpos como resistência. Não é possível que este modelo de desenvolvimento extractivista e patriarcal busque impor e decidir sobre nosso território da mesma forma que impõe decisões sobre nossos corpos.⁸

Estamos a ficar sem água, sem terra, é hora de nos reapropriarmos. Não é um problema isolado, é um problema por que todos nós passamos. A água é o nosso corpo, está a ser violada e legitimada pelos governos para explorar petroleiras e minas, com leis... a melhor forma de lutar contra esse sistema é organizarmo-nos, por isso estamos aqui para partilhar. Viemos do Equador.⁹ (OCMAL, 2015).

⁸ Voz de uma mulher num encontro em La Paz (2015) com o título: *Mujeres feministas articulan lucha conjunta frente al extractivismo*. Tradução livre do texto: “Estamos luchando frente a la violencia medio ambiental contra las mujeres, porque la minería nos está quitando la tierra, nos está expulsando de nuestros territorios, el agua está contaminada, se está vulnerando el derecho a la vida, a la salud, a el trabajo... las mujeres estamos dispuestas a defender la vida y ponemos nuestros cuerpos en la resistencia, no es posible que este modelo de desarrollo extractivista y patriarcal pretenda imponer y decidir sobre nuestro territorio al igual que nos imponen decisiones sobre nuestros cuerpos”.

⁹ Tradução livre do texto: “Nos estamos quedando sin agua, sin pacha es hora de reapropiarnos no es un problema aislado, es un problema que todas atravesamos la pacha es nuestro cuerpo, esta siendo violentada y legitimada por los gobiernos para explotar petroleras, mineras con leyes ... la mejor forma de hacer la lucha ante este sistema es organizándonos por eso estamos aqui para compartir, nosotras venimos de Ecuador”.

O extrativismo transforma os camponeses em “corpos da extração”. A vida dessas mulheres era baseada na agricultura, mas, com a vinda das explorações mineiras, dá-se a “descamponização”. Rapidamente se desmantela o rural e instala-se a mentalidade do enriquecer rápido. As comunidades perdem a identidade rural e são obrigadas a abraçar a vida mineira. Dá-se a urbanização da ruralidade. A importância dada ao solo é transferida da agricultura e da pecuária, o que alimenta o humano, para os minérios que alimentam o eletrônico e o digital. O trabalho é um caldeirão onde se juntam a natureza humana e não humana, expandindo a capacidade de trabalho e as mais valias. Com a vinda desta pandemia (Covid-19), intensificaram-se os investimentos na área digital e, em paralelo, fazendo parte desta quarta revolução industrial, deu-se a automação de outro setor primário, a agricultura. Os fitofármacos e os sistemas tecnológicos desenvolvidos para acelerar o crescimento e desenvolvimento deste sector, revolucionaram a economia e a organização social da vida rural. Os corpos, o espaço e o trabalho sofreram grandes alterações, junto com o solo.



Ckelinar 2, 2020, vídeo 1'45". <https://vimeo.com/468261696>

Pode a arte contemporânea, como um ato de resistência centrada no solo, criar possibilidades de mudança nas dinâmicas sociais e políticas relativamente ao extrativismo e ao imperialismo que governa os territórios e as comunidades exploradas?

Em março de 2020, durante a minha residência em Coyo, no deserto de Atacama, desenvolvi um trabalho, em conjunto com a comunidade local, que ia de encontro às preocupações dos *atacameños* e de todos os que vêm na *oykos* a nossa casa. A casa da qual os indígenas locais respeitam e cuidam, mas que em simultâneo temem. E nós, os europeus, que sentimento nutrimos pela *oykos*? Desprezo! De quem é a culpa, é de Descartes? (Jappe, 2019, p.38). O mundo da matéria, da *matter*, da mãe, é desprezado por Descartes. Esta *matter* mundo é exterior e inclui o corpo, que convém desconfiar porque a sua existência é à priori pouco certa tal como a quimera. É com Descartes que se desenham as características do sujeito moderno e este não tem uma relação primordial com a matéria. Passamos de uma sociedade pré-moderna baseada nos princípios da dádiva, política e religião, para uma moderna e capitalista baseada no trabalho e no estatuto do cidadão. A *matter* não produtiva é vista pela sociedade moderna como inimiga a vencer, logo a exploração da *matter* terra e a exploração da *matter* corpo, se não gerar riqueza, é desprezada e rebaixada ao estatuto de objeto. É com base nesta teoria que o humano contemporâneo do pós-guerra se identifica. Este raciocínio permite-nos dizer que as alterações climáticas existem por culpa de uma revolução na percepção, em que tudo é medido através do dinheiro. É o nascimento da primeira economia mundial. Afinal, a culpa é de quem e de quê?

Não tendo a pretensão de encontrar uma resposta, mas, antes, criar uma obra de arte que afete o observador através da “voz escrita”. Como a língua indígena, o *kunza*, está em vias da extinção, são poucas as pessoas locais que a dominam, e tendo sido uma língua da oralidade, é de difícil escrita. Tem inspirações de ar fortíssimas seguidas de prolongamento da vogal, para as quais usam certos sons que imitam a natureza¹⁰. Reunimos para “desenhar” o texto que se encontra no lençol branco da imagem. A ideia inicial era escrever algo com este sentido – a vida nasceu aqui, não a deixes morrer – mas em conjunto com os indígenas foi decidido escrever – aqui cresce o ar – em *kunza: aiquiá ckapatur ckatchbi ckelinar*. Como se trata de uma língua primitiva, o vocabulário é muito distinto do pós-científico, sendo impossível escrever palavras como “oxigénio” ou “fotossíntese”. O passo seguinte foi arranjar um suporte para a escrita (podia ter sido um trabalho sonoro, em que as palavras seriam recitadas no meio do *salar*, mas a intenção era inserir no trabalho os

¹⁰ Exemplos: o *h* inspirado, o acento circunflexo e o *k* com forte som do palato. *Khûro* é uma possível forma de escrever a palavra que significa “vento”.

materiais locais e possíveis¹¹). Primeiramente experimentei escrever o texto com pigmento retirado das alfarrobeiras daquela zona do deserto, mas os ventos fortes do deserto eliminaram esse mesmo pigmento da superfície. Optei por usar grafite e cola branca para o fixar. Quanto ao suporte, utilizei o lençol da minha cama, branco e de dimensões suficientes para que o texto fosse legível a certa distância. Num gesto de compaixão com o solo, estendi o lençol.

O tempo da “desclimatização” e “desumanização” é constituído por uma cadeia de factos que acumula ruína sobre ruína¹² (Benjamin, 2010:13). Este acumular foi acelerado pelo empreendimento na ideia de progresso a que Benjamin chama vendaval. Este vendaval é o que nos arrasta imparavelmente para o futuro e é constituído por correntes de vento com diferentes forças, violências e temperaturas, que nos fizeram chegar a um estado limite de reclamação e de luta pela água que bebemos, e pelo ar que respiramos.

A obra de Agnes Denes caracteriza-se pela amplificação empática com a eco-lógica¹³ de uma forma antecipatória e visionária. As suas obras tiveram início nos anos sessenta e já previam a catástrofe climática. As suas investigações forenses abrangem não apenas sistemas de informação, mas também sistemas sociais. Ela sabe quão profundamente os dois estão entrelaçados.

¹¹ Ver o trabalho da artista indígena canadiana Rebecca Belmore (ayum-ee-aawach oomama-mowan), *speaking to their mother* 1991, megafone construído a partir de madeiras locais. A obra foi instalada pela primeira vez numa pradaria no Parque Nacional de Banff onde as vozes das pessoas faladas através do megafone ecoavam nove vezes. Este megafone gigante circulou pelo Canadá por terras indígenas para que fosse reivindicada justiça. Pedia-se às populações para comunicarem com a terra diretamente fazendo-a ouvir protestos políticos das comunidades locais, através de uma ação poética.

¹² Ideia descrita na história IX quando se refere a Angelus Novus: “O anjo da história deve ter este aspeto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de factos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessante acumula ruínas sobre ruínas e lança-as nos seus pés”.

¹³ *Eco-logic*, termo de Denes, referenciado como sendo o antídoto para o “ecocídio”. Crime por “ecocídio” é o termo pela qual a britânica Polly Higgins (1968-2019) luta com o objetivo de que este faça parte das leis constitucionais dos diferentes países. Convém relembrar aqui que o Tribunal Internacional dos Direitos da Natureza foi criado pela Aliança Global pelos Direitos da Natureza em janeiro de 2014. O Tribunal pretende criar um fórum para que pessoas de todo o mundo falem em nome da natureza, para protestar contra a destruição da Terra – destruição que é frequentemente sancionada por governos e corporações – e fazer recomendações sobre a proteção e restauração da Terra. O Tribunal também tem um forte foco em permitir que os Povos Indígenas compartilhem suas preocupações e soluções exclusivas sobre terra, água e cultura com a comunidade global. Neste momento existem quatro Tribunais Internacionais: Quito (2014), Lima (2014), Paris (2015), Bona (2017).

As questões abordadas no meu trabalho vão da criação individual à consciência social. Entramos numa era de alienação provocada pela especialização, um subproduto da era da informação. Esta é uma era de complexidade, quando os conhecimentos e as ideias chegam mais rapidamente do que podem ser assimilados, enquanto as disciplinas se vão alienando progressivamente umas das outras por meio da especialização.... Falta uma direção claramente definida para a humanidade. A viragem do século e o próximo milénio inauguram um ambiente conturbado e uma psique conturbada. Fazer arte, hoje, é sinónimo de assunção de responsabilidade pelos nossos semelhantes.¹⁴ (Denes, 1993:387)

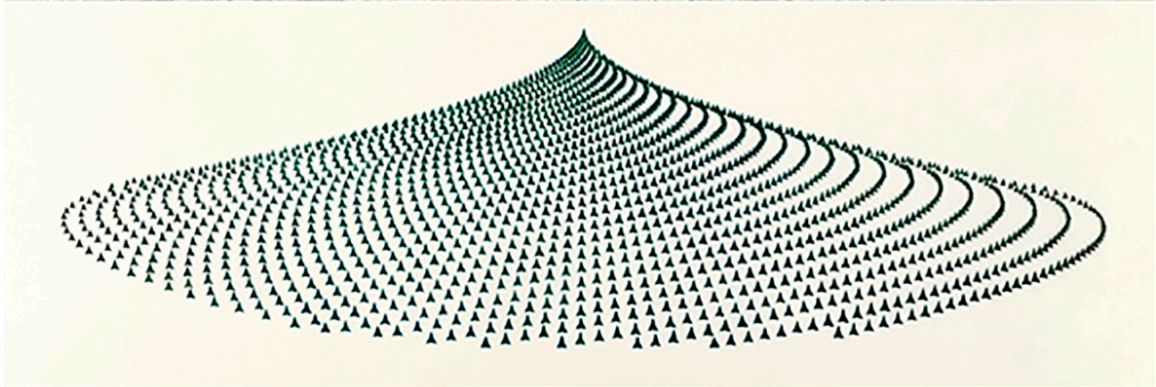
Na era da informação, segundo Denes, a velocidade, não a da máquina modernista, mas a dos conhecimentos e das ideias, é incompatível com a nossa capacidade de assimilação. Parece existir um desfasamento entre o tempo contemporâneo, o tempo humano e o tempo climático. É como se não houvesse sintonia entre os tempos. Vivemos na era da informação dessincronizada e sem limites onde o ambiente e a psique conturbada, que Denes prevê, já são fruto do vendaval de Benjamin, do cartesianismo de Descartes e do início do colonialismo de Colombo. O tempo vendaval é um tempo que tem passado, presente e futuro, tudo em simultâneo, e com origem no “colonialismo”. A etimologia da palavra colonizar vem de *colonus* - lavrador, habitante – e esta vem de *colere* – cultivar, habitar –, mas a colonização não cultiva a terra, pelo contrário, *explorita-a* junto com os seus habitantes. O ambiente e a psique conturbada são resultantes da colonização *exploiratória*¹⁵ em massa do ambiente e das nossas mentes¹⁶. Como resistir perante esta constatação?

¹⁴ Tradução livre do texto: “The issues touched on my work range from individual creation to social consciousness. We have entered an age of alienation brought on by specialisation, a by-product of the Information Age. This is an age of complexity, when knowledge and ideas are coming faster than can be assimilated, while disciplines are becoming progressively alienated from each other through specialisation... Clearly defined direction for humanity is lacking. The turn of the century and the next millennium will usher in a troubled environment and a troubled psyche. Making art today is synonymous with assuming responsibility for our fellow humans”.

¹⁵ Termo inventado a partir da associação entre exploration e exploitation. Ao pensar em exploração vemos logo à ideia ação e ambiente com dupla conotação, uma positiva e outra negativa. Na tradução para a língua inglesa a palavra exploração assume-se em dois sentidos – exploration e exploitation – a exploration é relativa à análise, estudo e investigação e à expedição geográfica; a exploitation é relativa ao desenvolvimento de um ato de tornar alguma área de terra ou água mais rentável, produtiva ou útil e à vitimização através de um ato que explora ou vitimiza alguém. “Esta investigação reflete sobre esses dois lados, o da exploration e o da exploitation, o da curiosidade sobre lugares e o da ‘land use’ em vez da ‘land’ romântica de ‘landscape’” (Lucy Lippard, 2013, p. 4).

¹⁶ Colonialismo mental é um termo de Vandana Shiva captado na conferência: *Colonização, a nova como a antiga*, que é utilizado como referência à Microsoft e ao seu fundador Bill Gates.

Denes desenvolveu a obra *Tree Mountain* durante 14 anos: desde a sua idealização em 1982, até ao seu comissionamento pelo governo finlandês na *Earth Summit* no Rio de Janeiro em 1992 - até à sua conclusão em 1996 no centro da Finlândia. Esta obra foi comissionada como o contributo da Finlândia para aliviar o *stress* ambiental. Foi a primeira vez que uma artista foi comissionada para a reparação de estragos ambientais, com uma obra de arte planeada para as gerações do seu tempo e futuras. Uma montanha foi construída de acordo com as especificações do projeto, o que por si só levou mais de quatro anos e foi a obra de restituição de uma mina a céu aberto, que destruiu o solo através da extração de recursos. Este é um projeto de arte ambiental e colaborativo, criado para aumentar o compromisso da humanidade em garantir o bem-estar ecológico, social e cultural. Tem como objetivo restaurar o meio ambiente: aumenta a produção de oxigénio, cria habitat para a vida selvagem e contribui para a formação de águas subterrâneas limpas. *Tree Mountain* permanecerá uma área protegida por 400 anos. As 11.000 árvores plantadas por 11.000 pessoas permanecem sua propriedade perpetuando-se pelas gerações seguintes. As árvores não podem ser vendidas nem podem ser removidas da floresta.



Agnes Denes, *Tree Mountain – A Living Time Capsule-11,000 Trees, 11,000 People, 400 Years*, 1992-96, (420 x 270 x 28 metros) Ylojarvi, Finland.

Referências

ARBODELA, Martín. **Planetary Mine: Territories of Extraction under Late Capitalism**. 1. ed. Londres: Verso, 2020.

AT WHAT Cost? Irresponsible Business and Murder of Land and Environment Defenders in 2017. **Global Witness**. 24. 07. 2018. Disponível em: <https://www.globalwitness.org/en/campaigns/environmental-activists/at-what-cost/>. Acesso em: 18 jul. 2020.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2010.

BILIONÁRIOS planejam mineração em asteroides. **BBC News Brasil**. 24.04.2012. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/04/120424_asteroide_mineracao_fn. Acesso em: 30 nov. 2017.

DENES, Agnes. **The Human Argument: the writings of Agnes Denes**. 1. ed. Putnam, Connecticut: Spring Publications, 2008.

FARIAS, Maria Eugénia. **Extremófilos y origen de la vida en Atacama**. Researchgate. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326813121_Extremofilos_y_Origen_de_la_Vida_en_Atacama. Acesso em: 13 mar. 2020.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS – FAO. **Região do Barroso é declarada patrimônio agrícola mundial pela FAO**. 2018. Disponível em: <http://www.fao.org/portugal/noticias/detail/en/c/1117234/>. Acesso em: 28 out. 2018.

JAPPE, Anselm. **A sociedade autofágica**. Capitalismo, desmesura e autodestruição. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2019.

KLEIN, Naomi. A los dirigentes del mundo no les importa la vida. **Spanish Revolution**. Disponível em: https://spanishrevolution.org/naomi-klein-a-los-dirigentes-del-mundo-no-les-importa-la-vida/?fbclid=IwAR3r-Fw4jl_FiNjpvboIQvCV6o6-w1FXgnMy7a78ySunLJIP-HhwVFzNmEY. Acesso em: 1º set. 2020.

LEITE, M. R. Machado. Lítio em Portugal...do recurso mineral aos produtos de lítio. Presença do LNEG nas principais fases de valorização dos recursos litiníferos de

Portugal. **Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG)**. 2017. Disponível em: https://www.encontrociencia.pt/files/sB_51530_s6_4_Mario%20Machado%20Leite_Co_@.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

LIPPARD, Lucy. **Undermining**. A wild ride through land use, politics, and art in the changing west. New York: The New Press, 2013.

OBSERVATORIO DE CONFLICTOS MINEROS DE AMÉRICA LATINA – OCMAL. **Mujeres feministas articulan lucha conjunta frente al extractivismo**. 2015. Disponível em: <https://www.ocmal.org/mujeres-feministas-articulan-lucha-conjunta-frente-al-extractivismo/>. Acesso em: 23 set. 2020.

OJEDA, Cristián Ascencio. Extremófilos: el tesoro que esconden las lagunas en San Pedro de Atacama. **El Mercurio de Calama**. 17.07.2018. Disponível em: <https://www.mercuriocalama.cl/imprensa/2018/07/17/papel/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

SAN ROMAN, F. J.; VAISSE, E.; REYES, A. E.; HOYOS, F. S. **Lengua Kunza**: Diccionario, Gramática y Ortografía de la Lengua Atacameña. 2. ed. Ayllu de Solor: Ediciones del Desierto, 2018.

SHIVA, Vandana. **Colonização, a nova como a antiga** (Conferência). Fórum do Futuro. Porto: Teatro Rivoli, 2019.